

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Ana Raquel Lopes de Matos Bastos e Silva

Educação pelos Valores

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Julho de 2013

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Educação pelos Valores

Autora: Ana Raquel Lopes de Matos Bastos e Silva

Orientadora: Mestre Amélia Mestre

Orientador: Doutor José Reis Jorge

Agradecimentos

Uma palavra de muito apreço para todas as crianças da Sala dos Cinco Anos e respetiva educadora, do Jardim de Infância de São Domingos de Benfica, pelas vivências e partilha desta experiência. Sem estes protagonistas, este trabalho não teria sido realizado.

O meu especial agradecimento à Orientadora de Estágio do Ensino da Prática Pedagógica Supervisionada, Mestre Amélia Mestre, pela sábia orientação, correções e conselhos úteis e didáticos, boa compreensão e palavra certa no momento próprio.

Aos professores, pelos conselhos práticos, o meu obrigada também.

Eternamente grata ao meu marido e aos meus dois filhotes (que me ajudam a revisitar a infância), pela atitude colaborativa; com paciência e compreensão disponibilizaram muito do tempo que lhes era devido a bem do meu futuro profissional!

Resumo

Entendemos que educar não é apenas transmitir informação e que, principalmente no momento em que vivemos, a Escola Inclusiva e da Cidadania, de que tanto se fala, necessita formar cidadãos conscientes, livres e ativos, que ajam fundamentados em valores.

Movidos por este desafio e motivados pelas características das crianças e objetivos consignados no PEI da instituição onde realizámos o Estágio do Ensino da Prática Pedagógica Supervisionada, enveredámos por uma intervenção, na Sala dos Cinco Anos, sob a temática “*Educação pelos Valores*”. O aprender a *ser/estar* e a vivência de valores no quotidiano foram a problemática tratada ao longo destes meses de prática educativa em contexto escolar.

Neste relatório demonstramos a forma como interpretámos e interviemos nesse contexto, as práticas desenvolvidas, assim como os resultados dessa nossa intervenção, traduzidos no progresso das aprendizagens e no crescimento enquanto pessoa, quer ao nível do grupo de crianças quer da própria estagiária.

Palavras-chave: Educação; Criança; Valores; Prática Pedagógica.

Índice Geral

Índice de Quadros/ Gráficos/Figuras.....	2
Lista de Abreviaturas.....	3
Introdução	4
1. Contextualização da Intervenção	6
1.1. Caracterização do Meio envolvente	6
1.2. Caracterização da Instituição	6
1.3. Caracterização da Sala	9
1.4. Caracterização do Grupo	12
2. Perspetivas educacionais /Objetivos	16
3. Intervenção	
3.1. Educar pelos Valores/Área de Formação Pessoal e Social.....	18
3.2. Enquadramento teórico: Valores Pessoais e Sociais/ A Área de Formação Pessoal e Social	19
3.3. Atividades mais significativas em contexto de estágio	22
3.4. Prática desenvolvida.....	29
4. Avaliação	
4.1. Avaliação do Grupo.....	32
4.2. Autoavaliação.....	33
4.3. Reflexão.....	35
Conclusão	36
Referências bibliográficas	37
Anexos	

Índice de Quadros

Quadro 1 – Rotina diária da sala dos 5 anos

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Áreas de Aprendizagem concretizadas

Gráfico 2 – Área das Expressões

Índice de Figuras

Imagem 1 – Auto-Retrato

Imagem 2 – Ser amigo é!

Imagem 3 – Desenhar um amigo

Imagem 4 – Relaxamento

Imagem 5 – Árvore da Família

Imagem 6 – Jogo da Reciclagem

Lista de Abreviaturas

OCEPE (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar)

PCA (Planificação Curricular Anual)

PCS (Projeto Curricular da Sala)

PEI (Projeto Educativo da Instituição)

RMBPCP (Rede Municipal de Bibliotecas Públicas do Concelho de Palmela)

Introdução

Este relatório pretende expressar o nosso percurso durante o estágio curricular, desenrolado no Centro Paroquial de São Domingos de Benfica, com a sala dos 5 anos desta instituição, durante o ano letivo 2012/2013: numa primeira parte, de outubro a novembro de 2012, como observadora participante; posteriormente, até 19 de junho de 2013, em intervenção três dias por semana, no período da manhã.

Partindo do princípio de que, como nos sublinha Estrela (1994), “não é possível qualquer intervenção, minimamente fundamentada do ponto de vista científico, se não conhecermos com objectividade a realidade em que pretendemos intervir.”, (p.21) iniciámos a nossa participação na vida do grupo recorrendo à observação naturalista. A partir dos dados recolhidos, procedemos à sua interpretação e formulámos várias hipóteses, na tentativa de definir a problemática para poder intervir de modo fundamentado.

A nossa opção (em consonância com a educadora cooperante) pela temática “*Educação pelos Valores*”, para além das características do grupo e das condições do espaço/recursos materiais, teve em conta também os motivos geradores do Projeto “*Vamos Colorir o Futuro*”, do qual ressalta a consciência de que é necessário (e urgente), através das crianças, preparar um futuro onde os valores tenham vida e se contextualizem no quotidiano de uma sociedade do século XXI. Sabemos que, como sublinham as OCEPE (1997) e é afirmado por vários autores deste tema, no sentido estrito do termo, os valores não se ensinam e terão que ser livremente escolhidos pela própria pessoa. Daí, e por isso, a importância fundamental de os pôr em prática, nas atividades escolares, para que a criança viva a experiência e dela retire todo o significado. Correspondendo também ao princípio geral da Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, quando estabelece que esta “ é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (...) favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (OCEPE, 1997, p.15), julgamos que ao educador cumpre pensar, com responsabilidade, em proporcionar às crianças vivências de qualidade, dado que estas serão determinantes na formação dos adultos de amanhã.

Assim, a área de intervenção educativa pretendeu ser transversal e integradora, com enfoque em atividades curriculares que promovessem a interiorização de valores, numa perspetiva formativa e num contexto favorável para que a criança se consciencializasse, ainda em conformidade com as OCEPE (1997), dos seus direitos e deveres, do que é certo ou errado, do que pode ou não pode fazer.

A estrutura deste relatório encontra-se dividido por capítulos, onde expomos vários assuntos sobre a temática/problemática do nosso estudo, apresentamos conceitos e fundamentos teóricos e relatamos o necessário/essencial do trabalho realizado durante o nosso estágio.

Assim, numa primeira parte é feita uma contextualização da intervenção, caracterizando-se os elementos fundamentais para a dinâmica do trabalho – o meio, a instituição, a sala e o grupo das crianças de cinco anos. Segue-se a explanação das perspetivas educacionais e principais objetivos. No capítulo seguinte tratamos da problemática para definir/apresentar o projeto de intervenção pedagógica, fundamentando-o, explicitando a prática desenvolvida e apresentando algumas das atividades realizadas. Chegamos, depois, à fase final da avaliação do projeto, analisando os seus resultados, pois segundo Carvalho (1993) existem “três tipos de avaliação: o primeiro, centrado na definição do projecto; o segundo, na monitorização da implementação do projecto; e o terceiro, centrado na avaliação final dos resultados do projecto.” (p.56), com a inclusão de uma breve reflexão que, como sabemos, deve estar na base da intencionalidade de qualquer educador não apenas para planear, mas também depois da ação, para tomar consciência dos seus efeitos, como se encontra referido nas OCEPE:

Esta intencionalidade exige que o educador reflecta sobre a sua acção e a forma como a adequa às necessidades das crianças e, ainda, sobre os valores e intenções que lhe estão subjacentes. Esta reflexão é anterior à acção, ou seja, supõe planeamento; acompanha a acção no sentido de a adequar às propostas das crianças e de responder a situações imprevistas; realiza-se depois da acção, de forma a tomar consciência do processo realizado e dos seus efeitos. (1997, p. 93)

1. Contextualização da Intervenção

Relativamente ao processo de recolha de dados para caracterizar o meio, a instituição, a sala e o grupo, no sentido de compreendermos melhor e analisarmos as suas características, foram-nos essenciais as informações obtidas através da educadora cooperante para preencher guiões de organização do espaço e do tempo de Cardona (2007) (anexo1), a consulta do Projeto Curricular de Sala (PCS), do Projeto Educativo da Instituição (PEI) e do site da Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, assim como o apoio de material adaptado dos modelos/critérios apontados por Cardona (2007) – guiões para avaliação da organização do tempo, do espaço e dos materiais - e a ficha do estabelecimento educativo adaptada de Bertram (2009).

1.1. Caracterização do Meio envolvente

A freguesia de São Domingos de Benfica situa-se no concelho/distrito de Lisboa. Está integrada numa zona habitacional, privilegiada em espaços verdes (Parque Ecológico Monsanto, Jardim Zoológico...) mas muito próxima de uma área de comércio e serviços (comércio, bancos, restauração), área de recreio, lazer e cultura (Palácios, Conventos, Teatro, Biblioteca, Museu da Música, Centro Ismail e Igrejas), área de educação (Instituição Pupilos do Exército, Escolas, Universidades), área do desporto (Estádio da Luz), área da segurança (polícia, bombeiros) e área da saúde (Centro Saúde, Hospital da Cruz Vermelha e clínicas). A maioria dos alunos que frequentam o Centro Paroquial S. Domingos de Benfica habita na freguesia. Na sua deslocação para a instituição, a maior parte dos pais utiliza veículo pessoal, conforme se afirma no PEI.

1.2. Caracterização da Instituição

O Centro Paroquial de São Domingos de Benfica (anexo 2) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, constituído por 3 níveis: Casa Nossa Senhora do Rosário: Centro de dia e Centro de ocupação protegido para idosos, Lar de Idosos e Colégio de São Domingos (com valência de Creche e Jardim de Infância). Foi criado com o objetivo geral de cultivar a fraternidade cristã, a promoção e o desenvolvimento entre todos os habitantes da Paróquia, com preferência pelos mais pobres.

O Jardim de Infância comporta crianças com faixa etária heterogénea, entre os 2 e 6 anos. Quanto à sua localização, fica numa parte do centro paroquial, mais precisamente, na cave, mas com entrada de luz natural. O espaço exterior é em forma de quadrado com uma árvore no meio. Relativamente ao espaço interior, distinguimos quatro estruturas:

- **ESPAÇO LUDOTECA** - A porta de entrada principal para o interior do Jardim de Infância dá acesso a este espaço. Trata-se de um grande hall de entrada e tem esta designação pois é aqui que se faz o recreio depois do almoço, caso esteja a chover. A partir daqui, temos acesso à “sala do conhecimento”, “sala da Direção”, “sala das funcionárias”, ao refeitório, às salas de atividades, às casas de banho.

- **SALAS DE ATIVIDADES** - Existem 5, todas são espaçosas e possuem boas condições de arejamento e luminosidade (existência de várias janelas); à entrada encontramos os cabides.

- **INSTALAÇÕES SANITÁRIAS** - As loiças sanitárias estão adaptadas às crianças e o material de higiene, nomeadamente papel higiénico e sabonete, está ao alcance delas, dando às crianças uma maior autonomia e independência.

- **MINI SALÃO** - Onde se inicia o acolhimento, faz-se também o recreio nos dias de mau tempo e, uma vez por semana, é o espaço onde se realizam aulas de movimento.

- **REFEITÓRIO** - O espaço do refeitório é amplo. Aqui, podemos encontrar, organizados de modo distinto, 6 conjuntos de mesas, que correspondem a determinada sala. Possui uma porta de acesso ao exterior. A cozinha tem duas portas de acesso ao refeitório: uma através da qual é entregue a loiça suja e outra por onde sai a comida. Esta apresenta também um espaço amplo e encontra-se bem equipada ao nível de utensílios.

Os recursos humanos consistem em: 6 educadoras, 2 professoras (de Inglês e de Música), 1 psicóloga, 3 auxiliares de educação, 5 ajudantes da ação educativa, 1 cozinheira, 1 ajudante de cozinha, 1 administrativa e 3 auxiliares de serviços gerais. A Direção é constituída por 5 voluntários: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro e Vogal.

A instituição rege-se pelo horário de funcionamento das 8h00 às 20h00. A componente de apoio à família é das 8h00 às 9h00 e das 17h00 às 20h00. As crianças do pré-escolar são recebidas por uma auxiliar a partir das 8h00, no mini-salão ou no recreio, e pela educadora a partir das 8h30. A atividade pedagógica, propriamente dita, desenvolve-se no período das 9h00 às 17h00. Após as 17h00, as crianças encontram-se na Ludoteca (mini-salão), no Recreio ou nas Atividades Extracurriculares (música/inglês).

O atendimento aos pais é feito mensalmente pela educadora, com dia/horário próprio, conforme o grupo, para além das reuniões e das conversas informais ao longo do ano.

O colégio tem como missão apoiar a infância, satisfazendo as suas necessidades básicas, afetivas, cognitivas, psicomotoras, e estimulando o seu desenvolvimento global, colaborando com as famílias na sua saúde e educação. É promovido e desenvolvido o respeito pela pessoa humana, dando-lhe o direito à dignidade de acordo com os princípios e exigências da Igreja de Jesus Cristo. Os valores são os princípios condutores da instituição, os quais estão presentes em todas as atividades: Respeito; Dignidade; Afetividade; Competência; Qualidade.

Quanto ao PEI, elaborado para três anos letivos, de 2010 a 2013, para as valências creche e jardim de infância, contém as atividades pedagógicas, com conteúdos e calendarizações constantes no currículo da cada ano, a concretizar nos respetivos PCS. Para as crianças de cinco anos, como atividades extracurriculares, há inglês, música e catequese. Existem ainda outras atividades, de componente de apoio à família, como as de recreio e as que se desenrolam depois da parte letiva (iniciação à língua estrangeira e iniciação musical).

O tema deste projeto é “*Tolerância*”, o qual surgiu pelo motivo aí enunciado “Da avaliação elencamos algumas dificuldades diagnosticando a necessidade de desenvolver competências na área pessoal e social de todos os atores, nomeadamente na capacidade de tolerância através de atitudes comportamentais adequadas. A tolerância é um factor de socialização que eleva os níveis de compreensão e de boa vivência grupal.” (PEI, p.10). Tem como principal objetivo proporcionar às crianças e à comunidade envolvente experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-

afetiva. Define os seguintes projetos (para os 5 anos): “Vamos Colorir o Futuro”, “Vamos Conhecer Novas Terras”, “Infusão Curricular de Competências Fonológicas em Contexto de JI”, “A Nossa Biblioteca”, “Leitura a par” e “Bonecos de Trapo” (para os 3, 4 e 5 anos). Encontra-se ainda incluído neste projeto o Plano Anual de Atividades da instituição.

Tendo em conta, exclusivamente, os interesses e as possibilidades da criança e partindo das suas preferências e motivações, a instituição preconiza uma pedagogia centralizada na criança, estimulante e rica, orientada para um desenvolvimento global, uma adaptação harmoniosa e uma agradável aquisição de conhecimentos diversificados. As educadoras podem adotar qualquer modelo pedagógico, não esquecendo contudo o respeito pelo caráter religioso da instituição.

Quanto à envolvência das famílias, estas são incentivadas a participar no processo educativo, desenvolvendo uma relação de cooperação numa perspetiva formativa e envolvendo-se nos projetos concretizados ao longo do ano, valorizando a instituição a sua participação e criando, assim, mais uma das condições para a verdadeira “*escola inclusiva*”, em conformidade com as OCEPE (1997) “tais como, o bom funcionamento do estabelecimento educativo, o envolvimento de todos os intervenientes – profissionais, crianças, pais e comunidade – a planificação em equipa, são aspectos a ter em conta no processo educativo a desenvolver na educação pré-escolar.” (p. 20)

1.3.Caracterização da sala

A sala onde trabalhamos é também um espaço amplo, com boas condições de luminosidade e arejamento (2 janelas, com portas de correr e acesso ao exterior).

Contém 1 quadro de giz, 2 mesas individuais, uma para a área da matemática e outra da escrita, 1 rede para pendurar os materiais, 1 mesa com computador, 1 móvel com material didático (de escrever e pintar), 1 cavalete, 1 mesa para a área da ciência, 1 móvel com jogos didáticos, 1 estante com livros infantis, 1 placar de cortiça para exposição de trabalhos, 1 armário com material, 1 móvel (garagem – carros, puzzles...), 1 supermercado e uma mesa com um banco em palha, 1 tapete grande, 4 mesas retangulares, 22 cadeiras pequeninas.

A sala (retangular) encontra-se dividida em dois grandes espaços (Anexo 3), os quais se subdividem em áreas. No primeiro, temos as áreas seguintes: Quadro; Escrita e Matemática; Computador; Pintura; Polivalente (que serve de apoio a diversas atividades); Experiências (criada a partir de meados do 1º período, com a colaboração das crianças). No segundo, existem: Supermercado; Jogos; Construções; Livros; Fantoques.

Quer o tipo de equipamento e os materiais existentes, quer a forma como estão dispostos na sala encontram-se de acordo com as suas funções e finalidades educativas, permitindo assim “diferentes aprendizagens plurais, isto é, permitem à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade.” (Oliveira-Formosinho, 2011, p.11) As 23 crianças desta sala estão familiarizadas com os mesmos e compreendem como o espaço está organizado:

- a área do quadro de giz, onde as crianças desenhavam livremente;
- a área da escrita: cada criança tem o seu caderno e cartões com o abecedário para as incentivar para o ato de escrever, existindo também um quadro magnético com letras;
- área da matemática, onde se encontram jogos de matemática (ábaco...) e um quadro magnético com números;
- área do computador, com jogos pedagógicos e didáticos;
- área da pintura, com pincéis, tintas e um cavalete;
- área da ciência, com lupas, bichinhos da seda e fruta seca;
- área do desenho livre/plasticina: desenha-se (de manhã) e trabalha-se com plasticina (à tarde);
- área do supermercado, espaço onde brincam ao “faz de conta”;
- áreas de jogos: - de mesa, com puzzles, tabuleiro...; - de chão, dinossuros, carrinhos, legos;
- área da biblioteca, onde as crianças manuseiam e têm contacto com o livro;

- área do fantoche, com um fantocheiro/fantoches para a dramatização;
- área polivalente, no centro da sala, para atividades orientadas pela educadora.

Também “o tempo pedagógico organiza o dia e a semana numa rotina diária”. (Oliveira-Formosinho, 2011, p.30) A rotina do início diário está interiorizada: acolhimento (em grande grupo), escolha das áreas e diversificação pelas mesmas (as crianças podem escolher as áreas que querem, mudando assim que o entendam). Explicitando: depois de concentrarmos todas as crianças, estas participam nas conversas, sob orientação e animação da educadora/estagiária, partindo-se para a planificação das atividades seguintes. As crianças escolhem as áreas e avançam autonomamente para as ações que se propuserem realizar. A estagiária circula pelas áreas, estimulando ou harmonizando algum conflito, aproveitando para registar o que entender julgar conveniente.

A pausa da manhã é de cerca de meia hora e envolve recreio livre “um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis” (OCEPE, 1997, p.39). Regressam à sala para, em grande grupo e durante cerca de meia hora, cantarem, ouvirem música, lerem... é um momento com significado social e formativo, com que se termina a atividade da manhã. Segue-se a preparação para o almoço: fazer as necessidades fisiológicas, lavar as mãos (e rezar), para fortalecer os hábitos de higiene. Este momento pressupõe autocontrolo e formação social.

Após o almoço, fazem a higiene oral e seguem para o recreio livre. Às 14h00 juntam-se à educadora, na sala, reencontrando-se para efetuarem novamente as atividades educativas, continuando a calendarização apresentada na rotina diária (ver Quadro 1).

No entanto, o facto de haver uma rotina diária não significa que a mesma seja rígida ou não possa ser modificada ao longo do ano, pois, como as OCEPE (1997) enunciam “nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual.” (p.40)

Quadro 1 – Rotina diária da sala dos 5 anos

Horário	Atividade	Local
8h00m	Acolhimento	Mini-salão Recreio
9h30 m	Ida para a sala Planeamento e realização de atividades Movimento/ Expressão Corporal	Sala Mini-salão
10h55m	Arrumar a Sala Higiene	Sala Casa de Banho
11h00m	Intervalo	Mini-salão Recreio
11h30m	Conversa em grande grupo Conto das atividade Canções	Sala
11h55m	Higiene	Casa de Banho
12h00m	Almoço	Refeitório
12h30m	Higiene Oral	Casa de Banho
12h45m	Recreio	Recreio Ludoteca
14h00m	Realização de atividades	Sala
15h20m	Higiene	Casa de Banho
15h30m	Lanche	Refeitório
16h00m	Atividade em pequenos grupos Projeto das competências fonológicas	Sala
17h00m	Ludoteca Atividades em pequenos grupos (Inglês e Música)	Mini-salão Hall

1.4. Caracterização do Grupo

Como já dissemos, foi feito um trabalho de diagnose para caracterizar o grupo, com base no PCS e recorrendo à observação direta, com os respetivos registos, no sentido de definir a problemática e posterior planeamento de intervenção pedagógica.

O grupo é constituído por vinte e três crianças, quinze do género masculino e oito do género feminino. É um grupo homogéneo relativamente ao nível etário, já que todas as crianças nasceram no ano 2007, mas heterogéneo na proveniência

sociocultural, embora, na sua maioria, o grupo seja muito estimulado pela família. Tendencialmente, e como é próprio da sua faixa etária, as crianças dividem-se em pares ou em pequenos grupos, denotando preferência por elementos do mesmo género.

Neste grupo da nossa sala, apenas duas crianças não têm cultura portuguesa, uma é de origem africana e outra asiática. Todas já se conhecem dado terem frequentado o JI no ano transato, à exceção de uma que inicia pela 1ª vez a integração numa instituição. Neste grupo, nenhuma criança está referenciada com Necessidades Educativas Especiais. Todas vão transitar no próximo ano letivo para o 1º ciclo.

Na sua maioria, o grupo mostrou-se assíduo, pontual, dinâmico, empenhado, curioso e participativo. São crianças ativas que demonstraram interesse pelas atividades, contudo, algumas revelavam uma certa dificuldade em realizar determinadas atividades até ao fim. Manifestavam interesses diversificados: vários tipos de jogos, brincar na área do supermercado, do quadro, da escrita, da matemática, da ciência, do computador, desenho, pintura, colagem e modelagem, ver livros, ouvir e contar histórias com ou sem fantoches, participar em conversas e na realização de trabalhos propostos.

Foi desenvolvida (e registada) uma avaliação diagnóstica (Anexo 4) através da observação e análise do grupo, já que, de acordo com Roberts (1995), citado em Fisher (2004), para planear e adequar um currículo, é necessário primeiro conhecer as aprendizagens já realizadas pelas crianças.

Assim, tivemos em conta as Metas de Aprendizagem, que nos facultam o “referencial comum” para planear estratégias e modos de progressão:

- Na área do conhecimento do mundo, as crianças têm noções do espaço e do tempo, sabendo distinguir unidades de tempo básicas, ordenar diferentes momentos da rotina diária e localizar elementos de vivência. No que diz respeito ao conhecimento do ambiente natural e social, sabem que os seres vivos passam por um processo de crescimento. No domínio do dinamismo das inter-relações natural-social, souberam identificar as partes do corpo, reconheceram as diferentes estações do ano. O grupo apresentou alguma dificuldade em identificar o grau de parentesco dos familiares mais próximos e alguma dificuldade na separação do material reciclado.

- Na área das expressões plásticas, o grupo gosta de fazer desenho livre, de fazer pinturas do cavalete e de desenhar no quadro de giz. Gosta de mexer com plasticina, fazendo criações muito originais. Na sala só há duas crianças que não conseguem manusear corretamente a tesoura. Ao nível das expressões motoras, o grupo gosta particularmente de jogos de equilíbrio e de jogos de competição, participam todos nesta área. Ao nível da expressão musical, encontram-se todos familiarizados com esta área, uma vez que participam nas canções dos vários momentos do seu dia-a-dia. Ao nível da expressão dramática, o grupo gosta de brincar no supermercado ao “faz de conta”. Na área da dança, participaram em danças de roda de forma coordenada.

- Na área da linguagem oral e abordagem à escrita, as crianças gostam de ouvir histórias e recontá-las, trazendo vários livros para serem lidos pela educadora. Participaram com prazer nas conversas em grande grupo, expressando-se de forma lógica, com frases corretas. Gostam de adivinhas, trava-línguas, lengalengas e quadras. A maioria sabe escrever o seu nome e identificá-lo, exceto duas crianças que sabem identificá-lo mas não conseguem escrever sem ajuda do cartão. Algumas crianças escreveram o seu nome “em forma de espelho”.

- Na área da matemática, o grupo gostou particularmente de efetuar contas de somar, fazer puzzles, jogos de dados, encaixar as formas geométricas no respetivo lugar. Conseguiram contar e identificar até 10, alguns contar até 25. Souberam preencher a tabela de dupla entrada, a das presenças e a do tempo, de forma autónoma.

- Na área das tecnologias de informação e comunicação, as crianças conseguiram utilizar o computador da sala autonomamente, fazendo desenhos e praticando jogos pedagógicos. A educadora teve que criar uma tabela para definir/calendarizar esta atividade, no sentido de resolver conflitos na utilização do computador. Todos gostam de visualizar filmes animados, uma atividade que fazem semanalmente. É uma das áreas preferidas do grupo.

- Na área da formação pessoal e social, o grupo soube identificar as suas características individuais, consegue realizar tarefas indispensáveis ao dia-a-dia, participou na elaboração das atividades. Algumas crianças apresentaram dificuldades em partilhar os seus brinquedos e outros materiais da sala, assim como em dar

oportunidade aos colegas para falarem. Não gostam de “pedir desculpa” e, por vezes, não aceitaram a opinião do grupo; “esquecem-se” das regras da sala.

Concluimos, assim, que o nosso grupo evidenciou muitas potencialidades em todas as áreas de aprendizagem, encontrando-se já, na nossa opinião e de acordo com o modelo piagetiano do desenvolvimento, tratado em Papalia (2001), na transição do estágio pré-operatório para o das operações concretas.

Os seus pontos mais fracos evidenciaram-se ao nível das atitudes e comportamentos, fundamentalmente na partilha, na cooperação, na participação em grande grupo, na solidariedade e respeito pelo outro.

.

2. Perspetivas educacionais/Objetivos

Após obter os primeiros descritivos caracterizadores do campo pedagógico e recorrer à observação naturalista como metodologia para analisar as evidências (descritas no ponto anterior), importava pensar o trabalho futuro - enquanto atividade cognitiva, funcional e afetiva - orientado por uma intencionalidade e pressupondo uma determinada organização e um tempo de realização.

Assim e tendo em conta o que Zabala (1998) nos diz “A ideia de currículo como projeto formativo integrado (...) procura dar sentido e coerência ao itinerário formativo que os sujeitos percorrem ao longo da sua escolaridade.” (p.13), para poder refletir sobre o currículo específico da nossa sala e consequentes objetivos e perspetivas educacionais, tivemos em conta também os projetos e objetivos definidos no PEI e no PCS, no sentido de articular e integrar o nosso contributo de intervenção, na perspetiva de um trabalho colaborativo entre todos os agentes educativos.

Após reflexão e “negociação” com a educadora cooperante, identificámos então a situação que considerámos problematizante (necessidades mais pertinentes) do nosso grupo: trabalhar competências atitudinais que garantam a estas crianças uma continuidade educativa harmoniosa, na transição para o 1º ciclo.

Focalizámos, assim, as nossas prioridades educativas nos “conteúdos atitudinais”, cuja aprendizagem, segundo Zabala (1998), de valores, atitudes e normas, está abrangida, como sabemos, pela área da Formação Pessoal e Social; obviamente sem descurar a articulação entre todas as áreas e valorizando áreas de aprendizagem que proporcionem nas crianças aprendizagens significativas e motivadoras.

Sensíveis à problemática apresentada no projeto “*Vamos Colorir o Futuro*” para a sala dos cinco anos, que transcrevemos “A crise económica, os tumultos sociais, as notícias televisivas diárias de assaltos e crimes, a lei do salve-se quem puder, faz do mundo presente um mundo triste, negro e sem esperança.”, decidimos então enveredar pela temática dos *Valores*, na perspetiva que esta, mais globalizante, se encontra subjacente à construção de um *mundo melhor*. Pensamos que, aproveitando as potencialidades do nosso grupo e “as características favoráveis” (Lopes, 2008) próprias das crianças em idade pré-escolar, conseguiremos desenvolver um projeto com base na “pedagogia participativa” (Oliveira-Formosinho, 2011), em que a imagem da criança é a de um ser com competência e atividade.

Embora sabendo que os valores abrangem uma lista de categorias complexas e difíceis de definir (como tentaremos demonstrar num dos pontos do próximo capítulo), destacamos os que se enquadram no que a instituição pretende transmitir e que julgamos interessante as crianças vienciarem e reconhecerem, nomeadamente: Responsabilidade, Respeito, Verdade, Partilha, Compreensão, Tolerância e Solidariedade.

Nesta linha, os objetivos do trabalho a desenvolver com o grupo de crianças enquadram-se também naqueles que se encontram enunciados no referido projeto para o “Grupo dos Cinco Anos”: tomar consciência de si próprio e dos outros; permitir à criança construir referências e interiorizar valores (estéticos, espirituais, cívicos e morais); incentivar o respeito por ele e pelos outros, promovendo a cidadania (saber esperar pela sua vez, ouvir o outro...); incentivar a responsabilidade; estimular a socialização, a cooperação e a partilha; encorajar a criança a tomar decisões; saber valorizar os seus trabalhos e os dos colegas; desenvolver a autonomia: aquisição de hábitos de higiene; saber estar à mesa e utilizar corretamente os talheres; situações de rotina (arrumar a sala...); fazer recados simples.

Pensamos que, se conseguirmos alcançar estes objetivos, e trabalhando o seu sentido de responsabilização na conquista da sua autonomia e da autoconfiança nas suas capacidades e potencialidades, conseguiremos desenvolver nas crianças as competências necessárias para as preparar para o seu futuro (escolar) próximo, assegurando uma transição harmoniosa para o 1º ciclo.

3. Intervenção

3.1 – Educar pelos Valores/Área de Formação Pessoal e Social

Depois de observarmos o grupo durante 5 semanas e após um período de reflexão/diálogo com a educadora cooperante para concertação do caminho a prosseguir, fomos ao encontro de uma área prioritária, para a qual elaborámos uma planificação a longo prazo.

A área que considerámos pertinente trabalhar com o nosso grupo foi a da Formação Pessoal e Social, por esta ser transversal e, assim, podermos abranger todas as áreas curriculares. Escolhemo-la por dois motivos: um deles, o facto de considerarmos muito importante fortalecer competências atitudinais, dado o grupo ir fazer uma transição para o 1º ciclo (o saber estar na sala de aula, o saber esperar pela sua vez, o respeitar os adultos... ou seja, de que nos vale uma criança conhecer as letras e os números, se não souber *ser* e *estar* num ambiente educativo)? E o segundo, a importância de articular a nossa intervenção com o PEI e o PCS, interligando o fio condutor das práticas educativas, ao longo de todo o processo de construção das aprendizagens de todos os dias.

Na intervenção, seguimos o modelo pedagógico que a educadora cooperante mais utiliza, o Movimento da Escola Moderna (MEM), em que as crianças são autónomas e ativas nas suas escolhas, existindo uma vida democrática na sala, para a organização do seu dia, como refere Oliveira-Formosinho (2013) “este sistema de formação intelectual, estética e sociomoral das crianças radica na convicção de que a *organização da vida* no jardim-de-infância é o fundamental operador da educação escolar.” (p.157)

A educadora cooperante tem como princípio falar em grande grupo sobre as novidades, planos de atividades a realizar, utilizando cartões com os nomes, aceitando as escolhas das crianças nas áreas que querem trabalhar. Numa atividade orientada pela mesma, geralmente fá-la com um grupo de 7 elementos e os restantes trabalham autonomamente noutras áreas.

Citando novamente Oliveira-Formosinho, definimos, assim, o perfil do educador do MEM:

É por isso que os educadores que sustentam este sistema de educação pré-escolar se assumem como promotores da organização participada; dinamizadores da cooperação; animadores cívicos e morais do treino democrático; auditores ativos para provocarem a livre expressão e a atitude crítica. Mantêm e estimulam a autonomização e responsabilização de cada educando no grupo de educação cooperada. (2013, p.158)

Integrámos o mesmo plano, não alterando também as regras e rotinas da sala, para que houvesse também um fio condutor entre estagiária e educadora cooperante, também na tentativa de colocar no terreno uma verdadeira Pedagogia em Participação para, citando novamente Oliveira Formosinho (2013), “cultivar a humanidade através da educação fazendo dela um processo de cultivar o **ser**, os **laços**, a **experiência** e o **significado**.” (p.33)

O grupo de crianças, como dissemos na caraterização do grupo, maioritariamente do género masculino, revelou maturidade nas aprendizagens e mostrou-se bastante curioso, muito participativo e empenhado. Mas ao nível dos comportamentos, demonstrou dificuldades em saber estar, sendo um pouco conflituoso e sentindo dificuldades em gerir as suas atitudes, com os colegas e até mesmo com os adultos.

Por todos estes fatores, considerámos que um grupo que iria transitar para o 1º ciclo deveria estar consciente das suas atitudes no quotidiano escolar. Ao longo de toda a nossa intervenção, de novembro até junho, a área prioritária foi sem dúvida a Área da Formação Pessoal e Social.

3.2. Enquadramento teórico: Valores Pessoais e Sociais/A Área de Formação Pessoal e Social

Como afirmámos atrás, o nosso grupo é formado por crianças de idade homogénea, extremamente interessadas e com uma grande curiosidade pelo que as rodeia. Contudo, as evidências da sua fraca capacidade de relacionamento entre pares mas fundamentalmente em grande grupo refletiam-se de forma significativa nas

vivências escolares, havendo continuamente necessidade de modificar as práticas pedagógicas.

Como Estrela (1994) nos enuncia “O professor, para poder *intervir* no real de modo fundamentado, terá de saber *observar* e *problematizar* (ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas).” (p.26), tentámos definir a problemática sob o tema “*Educação pelos Valores*”, procurando também ir ao encontro do projeto da instituição “*Vamos colorir o futuro*”. Deste modo, achámos ser oportuno explorar, de uma forma mais vivenciada, os valores pessoais e sociais, tendo em vista desenvolver os laços de solidariedade e fortalecer a integração socioafetiva na escola (no colégio e no futuro 1º ciclo).

Considerámos importante também as crianças reconhecerem a validade e o valor da sua realidade, a qual, implicitamente, lhes propicia um bem. Refletindo sobre os valores, reflete-se sobre o que é um bem, quer a nível do destino da sociedade quer a nível do destino pessoal. Ao investir e tentar *intervir* de forma válida nesta área, a nossa intenção era que, no final, os valores trabalhados tivessem um sentido para as crianças, um significado tanto quanto possível inteligível, que os absorvam e que, no futuro, os ponham em prática, também fora da instituição, correspondendo aos princípios enunciados nas OCEPE (1997), atuando na sociedade de forma autónoma, participada e solidária.

Pensamos que, assim, estaremos a contribuir para a valorização humana de cada um, fornecendo maior valor pessoal, social e cultural a um grupo de crianças que, em breve, transitará para o 1º ciclo do ensino básico e irá enfrentar uma nova realidade e, consequentemente, novos desafios. Continuando a referenciar as OCEPE (1997), promovendo “a continuidade educativa” e cumprindo uma outra função do educador que é a de proporcionar as condições para que as suas crianças, nas fases escolares seguintes, façam uma aprendizagem com sucesso.

A “*Educação nos Valores*” não é novidade nas escolas, encontra-se presente no currículo escolar. Contudo, passar valores à criança é algo complexo e, embora a formação intelectual seja um objetivo a conseguir fundamentalmente através da escola, não podemos esquecer que a educação e desenvolvimento pessoal é-o muito através da família. Consideramos que a autêntica educação dos valores transmite-se, passa de pais para filhos, e tem uma importância primordial durante os primeiros anos. Nesta faixa etária, a motivação da criança para fazer as coisas desta ou daquela forma é

corresponder aos desejos do pai ou da mãe. Escola e família não podem então demitir-se de ensinar os valores básicos e cada uma não deve contradizer os valores da outra. A situação ideal será a existência de uma boa articulação entre os valores da família e os da escola, rumando ambas para o mesmo lado, sem se demitirem do papel que cada uma desempenha, como é citado no site RMBPCP (2010):

Errado é os pais entregarem os filhos à escola, demitirem-se dos seus papéis educativos e exigirem aos professores que façam milagres. Pior ainda é quando as políticas educativas desvalorizam o estatuto dos professores e fazem passar para a opinião pública que os docentes não são dignos de confiança. (p.26).

Como dizíamos, a missão de passar valores à criança é algo complexa, implicando, habitualmente, conceitos que fazem apelo a abstrações, competências pouco possíveis de a criança usar nas fases mais precoces do desenvolvimento. Importa, por isso, como nos sublinham ainda as OCEPE (1997):

Valores que não se “ensinam” mas que se vivem na acção conjunta e nas relações com os outros. (...) São os valores subjacentes à prática do educador e o modo como este os concretiza no quotidiano no jardim-de-infância, que permitem que a educação pré-escolar seja um contexto social e relacional facilitador da educação para os valores. (p.52)

É na prática do educador, na maneira como estabelece as suas relações com cada criança, na aprendizagem da criança sobre comportamentos, reconhecendo e distinguindo modos de interagir, num processo pessoal e social em busca do bem próprio e coletivo, que se desenvolverá a verdadeira educação para os valores.

Por outro lado, sabemos também que os pressupostos teóricos sobre os valores não são pacíficos de definições, digamos uniformes, dos muitos autores que estudam esta temática. No seu site, Marques (s.d.) defende que haverá duas grandes opções:

a que está na linha de um idealismo mais ou menos puro e a que está na linha do positivismo mais ou menos empirista. Cada uma das direcções leva a resultados muito distintos. Os valores dependem, bastante, dos pressupostos metafísicos dos autores. Os

autores idealistas tendem para a defesa da existência de alguns valores absolutos, em particular dos que derivam da razão axiológica e da razão lógica. Os autores positivistas tendem a defender a opinião de que não existem valores absolutos. (para. 1)

No entanto, não encontrámos qualquer dissonância quanto à importância da educação em valores (na família e) na escola desde a tenra idade, suportando nós a nossa convicção na velha máxima muito conhecida que nos chama a atenção para o facto de, se a criança não receber a atenção devida, ter dificuldade em adulta de amar o seu próximo!

3.3. Atividades mais significativas em contexto de estágio

Ao analisarmos a sequência de atividades realizadas durante o estágio de prática pedagógica, consideramos que existiram algumas que foram mais importantes para as crianças, outras que evidenciaram mais as nossas capacidades e a prossecução dos nossos objetivos, mas em todas elas tivemos sempre a preocupação de transmitir/recordar determinado(s) valor(es), correspondente(s) à situação ali vivida.

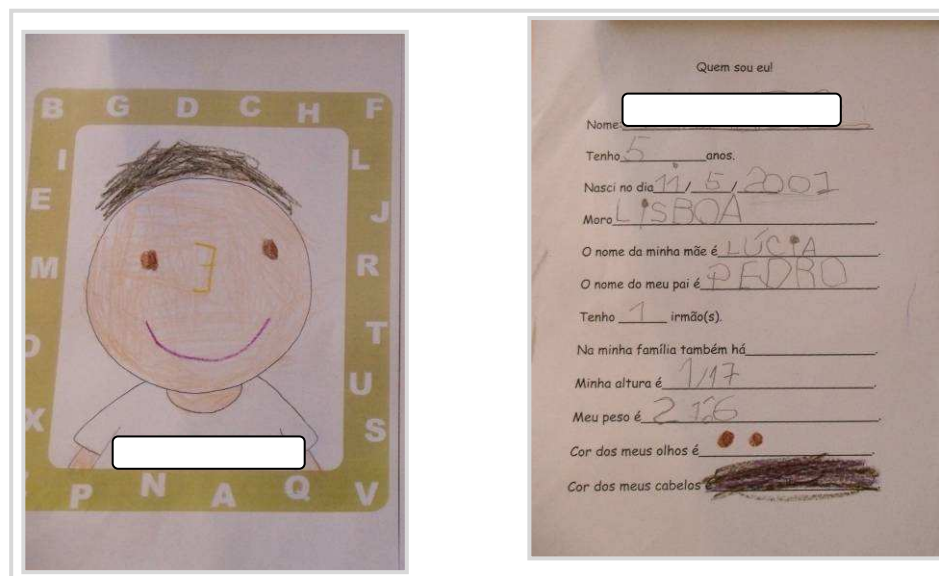
Vamos então referir algumas que consideramos mais emblemáticas, por uma ou outra razão, explicitando mais em pormenor, no final, a planificação diária e a concretização de duas delas:

Na atividade “*Quem sou eu?*” (Imagem 1), as crianças desenharam o seu rosto olhando para um espelho, com o objetivo de se conhecerem, questionarem-se e olharem para os outros. Depois, tiveram oportunidade de conhecer as suas características físicas, preenchendo, com a ajuda da estagiária, uma ficha como o seu peso, altura... - tinham de se pesar na balança, de se medir, de desenhar a cor dos olhos... - a sua idade e o nome dos pais. Fizemos, então, em dinâmica de grupo, a apresentação das características observadas de todas as crianças, dividindo-os depois, na sala, por grupos de acordo com as características comuns. No final, criámos uma tabela de dupla entrada com as características do grupo em geral, que ficou afixada na nossa sala.

Assim, trabalhámos várias áreas, da expressão plástica, da linguagem oral e abordagem à escrita, do conhecimento do mundo, da matemática e da nossa área

prioritária da formação pessoal e social, no domínio da Identidade/Auto-estima/Convivência Democrática/Cidadania.

Imagem 1 – Auto retrato



Na atividade “*Ser amigo é*” (imagem 2), após a leitura de um livro sobre esta temática (como motivação) e de diálogo horizontal, decidimos representar no papel atitudes que devemos ter para com os amigos, com o objetivo de, sempre que ocorresse uma situação de conflito entre pares, se recordassem daquelas imagens e do que o desenho simbolizava.

Como está referido na área prioritária - criar situações onde as crianças olhem mais para o mundo ao seu redor e não ser tão egocêntricas. Por isso, fizemos esta atividade, em que começámos por mostrar imagens, em tamanho A5, de atitudes corretas e não corretas. Perante os amiguinhos, eles tiveram que manifestar a sua opinião, dando exemplos da vida real. Por fim, registámos esses momentos e afixámos na nossa sala.

Com esta atividade, trabalhámos várias áreas da aprendizagem, nomeadamente, linguagem oral e abordagem à escrita, conhecimento do mundo, expressão plástica e formação pessoal e social, sempre com a intencionalidade de lhes incutir valores, neste caso, compreensão, tolerância e respeito.

Pensamos que foi uma das nossas estratégias que surtiu efeito e obteve resultados muito positivos.

Imagem 2 – Ser amigo é



Seguindo o mesmo fio condutor, na atividade representada na imagem 3, quisemos que observassem as características físicas do amiguinho, através de uma moldura feita em acrílico. Foi feito um sorteio e cada um teve que desenhar o rosto do colega (que lhe coube no sorteio). Assim, desenharam o amigo vendo do outro lado e selecionando as cores que se aproximassem mais do real do que do imaginário. Na sua avaliação, a maioria das crianças manifestou ter gostado muito desta atividade, pintando o símbolo correspondente, como se pode ver no exemplo do Anexo 5.

Com este trabalho, pretendíamos desenvolver a consciência das diferenças e o respeito pela diferença: há crianças que usam óculos, outras têm cor de pele diferente, uns têm cabelo comprido, outro curto. Trabalhámos as áreas de aprendizagem do conhecimento do mundo, da expressão plástica e da formação pessoal e social.

Imagem 3 – Desenhar um amigo



Elaborámos a atividade “*Relaxamento*” (imagem 4) na tentativa de arranjarmos uma solução para, quando regressam do fim-de-semana, altura em que vêm sob grande agitação para a sala, obedecerem ao adulto e não provocarem conflitos entre pares, não ouvindo os outros e só querendo saber deles próprios.

Durante 20 minutos, ao som da água das cascatas, dos animais a chilrearem, entre outros sons agradáveis, fizemos então uma sessão de relaxamento. Em seguida, as crianças representaram no papel a viagem mental que tinham feito durante a sessão. Nesta atividade, trabalhámos várias áreas: dentro das expressões trabalhámos a plástica, a motora e a musical; a da linguagem oral e abordagem à escrita e a da formação pessoal e social. Abrangendo a nossa área prioritária, desenvolvemos a capacidade de se envolverem em grande grupo, respeitando as regras e os colegas. As crianças expressaram as suas emoções através da expressão plástica.

Consideramos que esta atividade resultou num êxito, pelas evidências demonstradas através da imaginação das crianças e pela sua envolvência, tranquila e serena, em grande grupo.

Imagem 4 – Relaxamento



Passamos, então, a expor, de forma mais detalhada, o desenvolvimento de duas atividades:

- A FAMÍLIA

Na nossa intervenção, julgámos importante que as nossas crianças fizessem um trabalho em parceria com os seus familiares, realizando a atividade “Árvore da família” (imagem 5). Começámos na sala e levaram para casa, de modo a concluírem com os familiares. Sem dúvida esta atividade foi uma alegria para as crianças e obteve resultados francamente positivos, na nossa área de intervenção prioritária: no domínio da identidade e da auto-estima, com a identificação dos familiares mais próximos e reconhecendo laços de pertença a uma família; por outro lado, reconheceram a importância da família na ligação/colaboração com a sua vida escolar.

Imagem 5 – Árvore da família



Sendo um ano de transição para o 1º Ciclo e dado que as OCEPE permitem aos educadores situar as suas opções educativas e encontrar práticas mais adequadas ao contexto e ao grupo de crianças, pensámos ser relevante que estas crianças interiorizassem com profundidade a importância da família.

A área do Conhecimento do Mundo inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto da educação pré-escolar ou que se relacionem com o seu meio próximo. Por exemplo: saber...; situar-se socialmente numa família... (OCEPE, 1997, p.81)

Planeámos, então, a atividade, tendo em mente, principalmente, dois dos objetivos gerais pedagógicos definidos para a educação pré-escolar, que se resumem no desenvolvimento da comunicação e expressão através de linguagens múltiplas e no

incentivo à participação das famílias no processo educativo, estabelecendo relações de efetiva colaboração.

A atividade foi iniciada através da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, como motivação, com a leitura de um livro sobre a “*A família*”. Procedeu-se, em seguida, a um momento de comunicação oral (através do diálogo vertical e horizontal) sobre cada família, estimulando e desenvolvendo a linguagem e promovendo o desenvolvimento cognitivo, afetivo e as relações humanas. Cada criança deu a conhecer a sua família e mostrou querer saber sobre a família do colega, conseguindo estabelecer relações de parentesco.

Posteriormente, fizemos a árvore da família (mais próxima) de cada criança, trabalhando a área da expressão plástica. “O Conhecimento do Mundo deverá mobilizar e enriquecer os diferentes domínios de Expressão e Comunicação, nomeadamente a plástica (..), a linguagem e a matemática...” (ibidem, p.83) Contornámos o braço e a palma da mão para desenhar o tronco e os ramos da árvore, pintámos o tronco e recortámos corações (para colocar nos ramos), que levaram para casa para completarem com as fotos dos familiares e concluírem o trabalho com a ajuda dos pais. Por último, trabalhámos a matemática, começando por recolher os dados de quantas pessoas viviam com eles; feita a organização dos dados, procedemos à leitura dos resultados, colocando-os em destaque na sala em forma de casa, fazendo 5 conjuntos. Por fim, para avaliação/consolidação de conhecimentos sobre os laços familiares, ordenámos uma família de forma decrescente, de acordo com a idade.

Procedemos, então, à nossa avaliação da atividade “A avaliação do processo permite reconhecer a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, saber se estas estimularam o desenvolvimento de todas e cada uma das crianças e alargaram os seus interesses, curiosidade e desejo de aprender.” (ibidem, p.93): consideramos ter havido sucesso nesta nossa intervenção/intencionalidade educativa, já que o grupo e cada criança, em particular, manifestaram interesse e motivação desde o princípio da nossa proposta até à execução final, mostrando-se curiosos no conhecimento das relações familiares. Tivemos o envolvimento da família, que foi bastante recetiva e colaborou com entusiasmo (apenas duas crianças não trouxeram o trabalho concluído no prazo, por motivos imprevistos (morte de avó) num

caso). Quer as crianças quer os pais, quando olhavam posteriormente para os trabalhos afixados, recordavam e sublinhavam euforicamente os momentos vividos, como referências e testemunhos a não esquecer.

- **JOGO DA RECICLAGEM**

Estando a trabalhar a reciclagem (imagem 6), decidimos elaborar um jogo, que ajudasse a memorizar melhor os resíduos (materiais) pertencentes a cada ecoponto. Sem querer “nunca perder de vista a forma lúdica de aprendizagem que se quer motivadora e eficaz” (Rigolet, 2006, p.157), as crianças trabalhavam várias áreas: a Matemática, o Conhecimento do Mundo e a Formação Pessoal e Social.

Na área da Matemática, desenvolvem as competências de enumerar, de utilizar os nomes dos números e de contar o número de casas; no Conhecimento do Mundo, as competências de identificar os materiais a colocar em cada ecoponto e de demonstrar respeito pelo ambiente; na Formação Pessoal e Social, nos domínios da independência, de cooperação com os colegas e de convivência democrática.

Imagem 6 – Jogo da reciclagem



Na construção deste jogo, as crianças trabalharam com papel cavalinho A3, régua, lápis de cor, fotografias dos ecopontos, fotografias de material reciclado, cola, tesoura, papel autocolante transparente, rolhas de cortiça, tintas e cola branca.

No jogo participam 2 a 4 elementos, os quais começam por escolher um *pin* correspondente a um dos quatro ecopontos: vidrão, embalão, papelão e pilhão. À medida que vão lançando o dado, se caírem numa casa que não é correspondente ao seu ecoponto, recua uma casa, se calhar numa casa correspondente ao seu ecoponto, avança 3 casas. Ganha quem chegar primeiro à final.

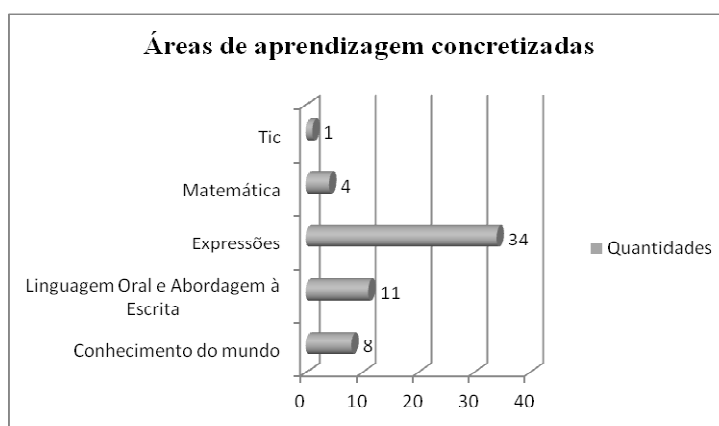
As crianças discutiram, em grande grupo, e aprovaram estas regras do jogo, de forma muito participada, respeitando a sua vez de intervirem, ouvindo a opinião dos outros e decidindo em conjunto.

3.4. Prática desenvolvida

No sentido de iniciarmos a nossa intervenção, elaborámos uma planificação curricular anual, referente à nossa área prioritária, com todas as atividades que desejávamos concretizar com o grupo.

Tendo por base essa PCA (anexo 6), constata-se que as atividades propostas no início da intervenção foram quase todas concretizadas, à exceção de duas que não puderam ser realizadas, porque outras foram surgindo, por diversos motivos. Reformulámos, assim, o nosso planeamento inicial, atendendo fundamentalmente às solicitações e “exigências” das crianças.

Gráfico 1 – Áreas de Aprendizagem concretizadas

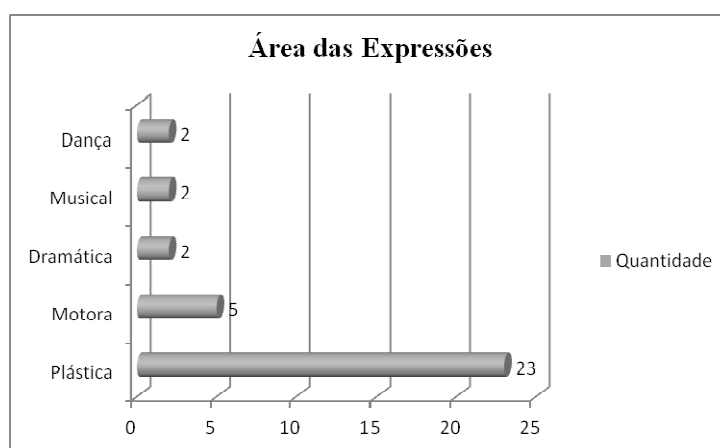


Podemos observar no Gráfico 1 que a área mais trabalhada ao longo da nossa intervenção foi a das Expressões, a qual se encontra dividida em cinco domínios: a expressão plástica, a motora, a musical, a dramática e a dança. Seguiu-se a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, depois o Conhecimento do Mundo, a Matemática e, por fim, as Tecnologias de Informação e Comunicação.

Podemos afirmar que a área da Formação Pessoal e Social esteve presente todos os dias ao longo de todo o processo, já que as aprendizagens específicas realizadas em

qualquer área são uma forma de desenvolvimento da Formação Pessoal e Social, proporcionando esta, por seu lado, oportunidades de abordagem de todas as outras áreas de conteúdo (nomeadamente na área da matemática que, segundo o gráfico, tem menos atividades desenvolvidas, mas era trabalhada diariamente com as dinâmicas da rotina diária).

Gráfico 2 – Área das Expressões



Na área das Expressões, verifica-se que a mais trabalhada foi a Plástica seguida da Motora (Gráfico 2). Considerámos que as expressões, a tinta e os pincéis são indispensáveis para estas crianças, pois ajudam-nas a representar, a criar e a narrar, aprendendo a organizar-se, a viver em relação e em colaboração. Esta área abrange muitos aspetos que atravessam todas as formas de expressão e que deverão ser trabalhadas de modo integrado e em articulação com outras áreas

Por outro lado, achámos que era importante explorar mais as áreas das expressões, por outros motivos. Um deles é que, uma vez que o grupo vai transitar para o 1º ciclo, esta área só irá ser abordada em tempos festivos (Natal, Dia da Mãe, Dia do Pai, por aí fora...). Outro motivo é que nas expressões, as crianças vão desenvolver aprendizagens que serão fundamentais ao longo da vida.

Para concluir, podemos ainda afirmar que, em toda a nossa prática desenvolvida ao longo do estágio, tivemos sempre em conta os princípios teóricos (que fomos absorvendo no estudo e na observação de boas práticas), relativamente à articulação de conteúdos, à interligação das áreas e diferentes formas/domínios de linguagem, à

diversidade e qualidade dos materiais pedagógicos, à organização do espaço e do tempo, ao clima de comunicação e valorização do diálogo, à partilha de estratégias e experiências... defendidos nos vários normativos sobre educação pré-escolar, tentando dar-lhes exequibilidade prática nesta nossa intervenção educativa, de modo a que cada criança interaja e aprenda com o educador, com as outras crianças e com outros adultos.

4. Avaliação

4.1. Avaliação do Grupo

Como sabemos, planejar e avaliar estão na base de todo o processo educativo e da missão da escola, em geral, em conformidade com o Dec. Lei nº241/2001, de 30 de agosto, “...o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” e como normaliza a Circular nº.4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril “O currículo em educação de infância é concebido e desenvolvido pelo educador, através de planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como (...)”. Assim, ao educador cumpre saber e pôr em prática planeamento e avaliação.

No final do processo ensino-aprendizagem, procedemos, então, à avaliação do grupo, numa perspetiva comparativa, utilizando e seguindo as Metas de Aprendizagem:

- Na área do conhecimento do mundo – As crianças evoluíram significativamente nos seus pontos fracos, tendo sido trabalhado. Nesta fase elas conseguiram adquirir os conhecimentos de identificarem o grau de parentesco dos familiares mais próximos e de reconhecer a importância de separar o lixo e identificarem os materiais reciclados a colocar em cada ecoponto.

- Na área das expressões: Na expressão plástica – As crianças demonstram uma grande criatividade e originalidade nas suas criações de desenho livre e pintura, representando acontecimentos importantes. São muito cuidadosos com os seus trabalhos, tendo a preocupação que estes fiquem bem apresentados. Grande evolução das crianças que tinham certa dificuldade no manuseamento de tesouras. Na expressão motora - a sua participação continua a ser de interesse, mantendo-se fascinadas pelos jogos de competição, interiorizando novas regras. Na expressão musical - demonstraram-se abertas à chegada de novas canções e com uma grande capacidade de as memorizar, conseguindo acompanhar o ritmo. Na expressão dramática - nota-se uma evolução na representação de ações e de papéis, bem como na distribuição de personagens na área do supermercado. Na dança – continuam com uma participação ativa das danças de roda, aperfeiçoando e coordenando os seus movimentos.

- Na área da linguagem oral e abordagem à escrita – mantêm uma boa capacidade de escuta das leituras feitas na sala, nota-se um enriquecimento no vocabulário oral. As crianças, que inicialmente demonstraram dificuldades em escrever o seu nome, evoluíram significativamente, conseguindo superar essa lacuna. Também as crianças, que escreviam em “forma de espelho”, superaram esse ponto fraco.

- Na área da matemática – constatou-se que a maioria tem um bom raciocínio matemático. Gostam de fazer jogos de tabuleiro, puzzles e contas de somar, utilizando por vezes o quadro de giz para resolverem pequenos problemas matemáticos.

- Na área das tecnologias de informação e comunicação – continua a ser uma das preferidas do grupo. Fazendo desenhos livre e jogos didáticos. Têm conseguido superar autonomamente os conflitos que surgiam nesta área entre pares.

- Na área da formação pessoal e social - o grupo aqui revelou uma grande mudança no sentido positivo, conseguindo participar em atividades de grande grupo com respeito pela opinião dos outros e dando-lhes oportunidade de falar. Interiorizaram as regras na sala (embora por vezes, fosse necessário recordar-lhas). Começam a saber partilhar os seus brinquedos e os materiais na sala, fazendo questão de informar os adultos que o fizeram. Conseguiram superar a lacuna de não saberem “pedir desculpa” sempre que magoam alguém ou tenham uma atitude menos correta.

4.2. Autoavaliação

Inicialmente estávamos expectantes relativamente à reação das crianças, com quem íamos pôr em prática as nossas aprendizagens académicas, durante as manhãs, três vezes por semana.

Começámos por observar o grupo nas primeiras semanas, interagimos com as crianças em todos os momentos da manhã, no recreio, na sala, nas refeições. Consideramos ter sido bem aceites.

Quando começámos a intervir, sentimos algumas dificuldades em coordenar o grupo, no momento das conversas em grande grupo, uma vez que não nos respeitavam. A conselho da educadora cooperante, adotámos uma atitude mais firme, utilizando estratégias que, ao longo da nossa prática, foram surtindo efeito. Assim, fomos

aperfeiçoando a nossa maneira de atuar perante o grupo, fomos ganhando mais confiança, conseguindo chegar às 23 crianças da sala. Conhecer os seus gostos, ouvi-las e prestar a atenção que elas necessitavam, não apenas pensando nos resultados que temos de demonstrar, mas sim, nos resultados que confiamos ver no comportamento da criança futuramente. Pensamos que, na nossa missão de educar as crianças do ensino pré-escolar, os resultados terão que ser avaliados a longo prazo!

Neste estágio aprendemos a questionarmo-nos quando vamos iniciar uma nova atividade: O que vão aprender com isto? Serve para quê? Podemos referir que pesquisámos métodos e técnicas para conseguirmos chegar ao interesse do grupo. Seguimos os conselhos dados pela educadora cooperante, de modo a articularmos o que aprendemos na teoria e colocar na prática.

Achamos que conseguimos transmitir responsabilidade às crianças, à instituição e à educadora cooperante, demonstrando empenho, dedicação, rigor e qualidade no nosso trabalho. Pudemos avaliar isso numa ocasião em que, tendo ocorrido à educadora cooperante uma situação que a impossibilitou de estar na instituição durante três dias, ficámos responsáveis pelo grupo nesse período. Sentimo-nos satisfeitas pela confiança que a educadora cooperante e a instituição depositaram em nós!

De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto, que define o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância, fazemos então a nossa autoavaliação, seguindo o respetivo “Guia de Elaboração”, no respeitante à dimensão “Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem”:

- Soubemos planificar o processo de ensino aprendizagem, individualmente e em grupo, articulando conteúdos, competências, estratégias e avaliação.

- Soubemos adequar as estratégias de ensino-aprendizagem em função das finalidades previstas no currículo, da articulação horizontal e vertical (1º ciclo), da diversidade de alunos e contextos, dos recursos disponíveis e dos objetivos que integram o projeto educativo.

- Conseguimos resolver problemas do foro comportamental, frequentemente com espírito de tolerância, compreensão, bom senso, firmeza e justiça.

- Conseguimos desenvolver ativamente o respeito mútuo, a compreensão, a amizade, a solidariedade, a colaboração entre crianças e entre adultos e crianças.

- Conhecemos relativamente a instituição e a respetiva comunidade educativa, tomando conhecimento dos seus principais documentos orientadores, contribuindo para que se cumpram os seus objetivos educativos, sociais e culturais.

. Relativamente à dimensão “Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa”:

- Participámos na elaboração e na implementação do projeto “Educação pelos Valores”.

4.3. Reflexão

Neste estágio do Ensino da Prática Pedagógica Supervisionada aconteceram momentos de grande enriquecimento aliados à muita preocupação de não conseguir cumprir com sucesso a nossa prática de intervenção pedagógica!

Não é fácil ligar a teoria à prática quando se trabalha em contextos que necessitam de resposta imediata. Imediata mas pedagogicamente adequada e assertiva! Na consciência plena de que a educação pré-escolar marca o futuro de uma vida, que se deseja plena na sua dimensão de cidadã ativa, numa sociedade que se pretende mais justa e equilibrada.

Julgamos ter demonstrado responsabilidade e competência, dedicação e vontade de sempre fazer mais e melhor. A avaliação que nos chegou sobre o nosso desempenho traduz confiança no nosso futuro enquanto profissionais da educação.

Pensamos já que faríamos diferente se agora começássemos tudo de novo. É bom refletir para renovar a prática pedagógica, numa permanente evolução do ato educativo num mundo sempre em mudança!

Um nota apenas sobre o tempo semanal em que se desenrolou este estágio de prática pedagógica: consideramos que apenas três manhãs quebra muito o ritmo e a continuidade da aprendizagem, perturbando a evolução do ato pedagógico.

Conclusão

A elaboração deste relatório foi uma tarefa bastante interessante, no sentido em que nos permitiu fazer uma reflexão séria e rigorosa sobre o trabalho desenvolvido nesta nossa experiência de prática educativa, numa realidade que nos deu gosto conhecer e onde interagimos com empenho, dedicação e vontade de cooperar.

Neste início de século, muitos são os desafios que a educação em geral tem vindo a enfrentar e, em particular e mais concretamente, na educação pré-escolar são muitos os estudos que reafirmam a importância que as experiências dos primeiros anos de vida têm sobre os posteriores aspetos cognitivos, sociais e afetivos das crianças. A educação pré-escolar assume uma grande relevância na iniciação à socialização e nos benefícios que ela assegura para o futuro das crianças.

Tentámos, por isso, pôr em prática toda a fundamentação teórica estudada e apreendida, adaptando-a à realidade que encontrámos, esforçando-nos no sentido de proporcionar às crianças atividades que as enriquecessem e as tornassem mais capazes. Aprendemos também muito com elas e sentimos-nos realizados por termos conseguido concretizar as nossas opções e práticas pedagógicas.

Aproveitámos, e certamente ser-nos-ão úteis no futuro, os conselhos e as boas práticas da nossa educadora cooperante, assim como a orientação da nossa professora supervisora, para nos relacionarmos com as crianças e com elas desenvolver trabalhos enriquecedores e interessantes, e para concretizar de forma positiva o nosso estágio do ensino da prática pedagógica supervisionada.

Julgamos ter, assim, fortalecido as nossas aprendizagens teóricas e crescido não só enquanto futuras profissionais mas fundamentalmente como pessoas, neste nobre percurso de educar/formar uma criança!

Referências bibliográficas

Livros:

- *Bertram T. & Pascal C. (2009). Manual DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parceria. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC
- *CALP. (2011). *Relatório de Autoavaliação – Guia de Elaboração*. 1ª edição. Braga: Editora Nova Educação, Lda.
- * CARVALHO, A. (1993) (org.) *A Construção do Projecto Educativo da Escola*, Porto: Porto Editora
- * Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- *Fisher, J. (2004). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.
- * Lopes, J. & Silva, H.S.(2008). *Métodos de Aprendizagem Cooperativa para o jardim de infância – um guia prático com actividades para os Educadores de Infância e para pais* Porto: Areal Editores
- *Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Departamento Educação Básica.
- * Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação*. Coleção Infância nº1, 4ª edição- Porto: Porto Editora
- * Oliveira-Formosinho, J.(Org.) (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância nº 16. Porto: Porto Editora
- * Oliveira-Formosinho, J & Ganbôa R.(Org.) (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância nº 17. Porto: Porto Editora
- *Papalia D. E., Olds S. W., & Feldman, R.D. (2001). *O Mundo da Criança*. 8ª edição Alfragide: Mc Graw-Hill.

*Rigolet, S. A. (1998). *Para uma aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem, Linhas de orientação para crianças até aos 6 anos*. Porto: Porto Editora.

*Zabala, A. (1998). *A prática educativa – Como ensinar*. Porto Alegre : Artmed

*Zabalza, M. A. (2007). *Qualidade em educação Infantil* . Porto Alegre : Artmed

Artigos:

*Cardona, M. J. (2007). *A avaliação na educação de infância: as paredes da sala também falam! Exemplo de alguns instrumentos de apoio*. In Cadernos de Educação de Infância, nº 81.

*Rosa, M.D. (2011) *A formação ética dos futuros educadores de infância: um modelo dinâmico de supervisão e avaliação pedagógicas*. In Cadernos de Educação de Infância, nº 93.

*Román, M. & Torrecilla, F (2010). *Melhorar a qualidade da educação de infância através da sua avaliação (o que avaliar e porquê para dar conta da qualidade na educação de infância)*. In Cadernos de Educação de Infância, nº 89.

*Vasconcelos, T. (2007) *Transição Jardim de Infância - 1º ciclo: Um Campo de Possibilidades*. In Cadernos de Educação de Infancia, nº 81

*Normas APA

Sites:

* Junta de Freguesia S. Domingos de Benfica.(s.d.) Disponível em: <http://www.jf-sdomingosbenfica.pt/acaosocial.html>

* Ministerio da Educação. (2011) *Metas de aprendizagem*. Disponível em <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/>

*Ramiro, Marques. (s.d). *Educar em Valores*. Disponível em: <http://www.esantarem.pt/USR/ramiro/docs/etica-pedagogica/EDUCAR%20EM20%VALORES.pdf>

*RMBPCP. (2010). *VALORES – Dossier tematico dirigido às escolas* (2010).
Disponível em: scribd.com/doc/72187021/VALORES-Dossier-tematico-dirigido-as-Escolas-Novembro-2010

Anexo I

Anexo II

Anexo III

Anexo IV

Anexo V

Anexo VI